



## **Tácitas e Marginais: memórias das Casas de Estudante autônomas de Porto Alegre e as possibilidades para a História da Educação**

MARCOS LUIZ HINTERHOLZ<sup>1</sup>

### Resumo

A temática da moradia estudantil universitária ainda é pouco visitada pela historiografia, o que pode ser decorrente da redução destes espaços ao seu caráter assistencial, em abordagens que não as contemplam enquanto lugar de formação e de troca de saberes. Procurando contrariar esta tendência, apresento três Casas autônomas de Porto Alegre, pensando as suas potencialidades enquanto objeto de pesquisa, fontes e questões candentes para a História da Educação, especialmente a partir das perspectivas abertas pela vertente da História Cultural. Silenciosas ou silenciadas, estas organizações estudantis, à margem da institucionalidade universitária e muitas vezes do próprio movimento estudantil formal, vistas com a lupa do historiador, são capazes de fazer multiplicar as imagens do estudante universitário de tempos pretéritos e do presente, bem como ampliar os conceitos sobre espaços de formação. Estas organizações/instituições são possuidoras de uma realidade institucional, ou seja, atores sociais, condições materiais e financeiras, produtos materiais e simbólicos, identidades, processos e contextos históricos e políticos nos quais nascem, se mantem ou se extinguem, ocupando uma posição dialógica em um sistema educativo mais amplo. Ao passo que apresento os processos de criação, organização e concepções da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA), da Associação Casa de Estudantes Juventude Universitária Católica Casa 7 (JUC-7) e da Casa Estudantil Universitária de Porto Alegre (CEUPA), discuto a inscrição desta temática no campo da História da Educação, refletindo sobre o seu potencial como objeto de pesquisa. Farei ainda referências às fontes produzidas no espaço da moradia estudantil, como atas das Assembleias Gerais, atas de Conselhos Deliberativos, documentação contábil, fichas de moradores, regimentos internos, autobiografias, fotografias, livros e revistas, recortes de jornal. Estes materiais são um riquíssimo subsídio para os historiadores da educação. Defendo assim, a partir da apresentação dos casos de três casas de estudante autônomas de Porto Alegre –RS, a necessidade de maiores estudos no campo da História da Educação sobre o tema, com as fontes orais, escritas ou imagéticas, produzidas no âmbito destas sociabilidades. Uma reflexão de como a experiência universitária foi vivida e significada na formação pessoal dos grupos em questão, suas respectivas histórias institucionais e suas relações dialógicas dentro de um sistema educativo mais amplo são algumas destas possibilidades de estudo.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS.

**Palavras-Chave:** Casas de Estudante – Autonomia e Autogestão – História da Educação.  
**Introdução**

A História da Educação, na perspectiva da História Cultural, ampliou as temáticas que abrangem espaços, instâncias e atores não formais dos processos educativos. Estas abordagens são possíveis graças aos encontros que se processam com a antropologia, a linguística, a literatura e a psicologia, por exemplo. O resultando são novos olhares e novos instrumentos conceituais e o refino analítico dos novos objetos. Deste modo, as concepções epistemológicas que deram à cultura centralidade, ou pelo menos grande relevância na análise do social, também expandiram sobremaneira o que se entedia por pedagógico.

Magalhães (2004), por exemplo, expande os conceitos de instituição educativa e sistema educativo para muito além do escolar, identificando nas sociedades e existência de organizações que se apresentam de formas diferenciadas e hierarquizadas, sendo, no entanto, todas elas educacionais. Enumera assim o que chama de instituições de base, como a família, a tribo, a seita ou a cooperativa; as de formação, como as escolas, internatos, colégios, associações de antigos alunos; as de produção/mobilização, como confrarias, lojas maçônicas, partidos políticos; as de produção/distribuição, como empresas, condomínios e, por fim, as que chama de holísticas-integrativas, constituidoras de fator de identificação/diferenciação, como sociedades, associações fundações e bairros.

Já o sistema educativo seria um todo mais amplo, que comporta e integra as diferentes instituições educativas<sup>2</sup>. Cada uma destas instituições é possuidora de uma realidade institucional, ou seja, atores sociais, condições materiais e financeiras, produtos materiais e simbólicos, identidades, processos e contextos históricos e políticos nos quais nascem, se mantem ou se extinguem. Todas as instituições ocupam uma posição dialógica neste sistema educativo, posição esta que pode ser melhor compreendida/explicada<sup>3</sup> pela História da Educação, e dentro dela, mais especificamente, pela História das Instituições Educativas.

Nesta perspectiva, buscarei apresentar três das sete Casas de Estudante de Porto

---

<sup>2</sup> “ A história do sistema educativo não é um somatório de instituições escolares justapostas nem, por outro lado, a história de uma dessas instituições se torna possível fora de um todo coerente. É nos domínios da representação e da apropriação que esta autonomização se revela mais consequente, porque mais relacional e menos concentrada. Constituindo um todo em si mesma, cada instituição escolar ou educativa integra esse todo mais amplo que é o sistema educativo. ” (MAGALHÃES, 2004:114)

<sup>3</sup> MAGALHÃES, Justino Pereira de. Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

Alegre, notadamente as que se mantêm de forma autônoma<sup>4</sup>, conforme o *Quadro 1*, e discutir a inscrição desta temática no campo da História da Educação, refletindo sobre o seu potencial como objeto de pesquisa. A proposta tem como perspectiva a necessidade de uma contextualização mais ampla destas instituições, para um melhor entendimento de como elas nascem, se organizam e se mantêm, além de superar a visão destas *Casas* como pertencentes unicamente ao domínio da assistência estudantil, ampliando seus significados na direção dos aspectos formativos e políticos destas coletividades.

**Quadro 1:** Casas de Estudante de Porto Alegre -RS

<b>Mantenedora</b>	<b>Instituição</b>	<b>Fundação</b>	<b>Gestão</b>
<b>Autônoma</b>	Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida – CEAUCA	1934	Autogerida
	Casa Estudantil Universitária de Porto Alegre – CEUPA	1950	Autogerida
	Associação Casa de Estudantes Juventude Universitária Católica Casa 7 (JUC-7)	1949	Autogerida
<b>UFRGS</b>	Residência das Alunas da Escola de Enfermagem da UFRGS	1950	Extinta
	Casa da Estudante Universitária do Rio Grande do Sul –CEURGS (atual CEUFRGS)	1956	Autogerida
	Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária	1960	Autogerida
	Casa do Estudante Universitário- CEU	1971	UFRGS

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

O pesquisador que realizar um levantamento sobre a moradia estudantil como tema de pesquisa da produção acadêmica brasileira e portuguesa, a fim de elaborar um “estado da questão”<sup>5</sup>, observará que são raros os trabalhos existentes, além de haver uma predominância de abordagens pelo viés da assistência estudantil, de questões psicológicas e relacionadas à saúde dos moradores, como hábitos alimentares e consumo de drogas.

<sup>4</sup> Por *autônomas* entendo as Casas que se mantêm financeira e administrativamente por conta própria, sem vínculos com nenhuma universidade e onde a captação dos recursos cabe aos estudantes moradores. As *autogeridas* são aquelas todas adotam o modelo de autogestão, independente de possuírem ou não uma instituição mantenedora.

<sup>5</sup> Para Certeau (2011), um estudo particular é definido pela relação mantida com outros, contemporâneos a ele, ao que chama de “estado da questão”. É algo como encaixar determinado trabalho num quadro já existente, sendo este um dos aspectos das leis do meio<sup>5</sup>. “Cada resultado individual se inscreve numa rede cujos elementos dependem estritamente uns dos outros, e cuja combinação dinâmica forma a história num momento dado.” (CERTEAU, 2011, p. 57)

Mesmo em Coimbra, fortemente marcada pela vivência universitária e possuidora de inúmeras repúblicas estudantis em sua paisagem urbana, afora os estudos saudosistas, são escassas as pesquisas sobre a temática que ora discuto. Segundo Prata (2002), há pouco apetite por parte dos historiadores pelos assuntos relacionados à comunidade estudantil, aquela fora dos muros da Universidade, aí incluídas as repúblicas, o que pode estar relacionada ao fato “não só de sua documentação se encontrar bastante dispersa, mas também à ausência de um roteiro sistemático de fontes e bibliografia”. (PRATA, 2002:254).

É neste sentido que procuro apresentar três Casas autônomas de Porto Alegre, pensando as suas potencialidades enquanto objeto de pesquisa, fontes e questões candentes. Tácitas e marginais, estas organizações estudantis, que passaram ao largo da institucionalidade universitária e muitas vezes do próprio movimento estudantil formal, possuem muitas histórias a serem contadas, multiplicando-se as imagens do estudante universitário de tempos passados e do presente.

### **Casas Autônomas de Porto Alegre**

Em Porto Alegre, as origens do que hoje chamamos de Ensino Superior, datam do final do século XIX e início do XX. Em 1896 é criada a Escola de Engenharia, em 1898, a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia (junto a qual, no mesmo ano, passa a funcionar a Faculdade de Odontologia). Ainda, em 1900, a Faculdade Livre de Direito e em 1910 nasce o instituto de Agronomia e Veterinária<sup>6</sup>.

Dentro da lógica de que a questão da moradia estudantil é intrínseca à Universidade, geradora de movimentos de jovens estudantes, vindos de diversas partes do estado para a capital gaúcha, em busca do grau superior, podemos inferir que estão também aí as origens das primeiras organizações coletivas de habitação estudantil. Embora a CEUACA seja a primeira associação formal para esta finalidade em Porto Alegre, a ideia das “repúblicas de estudante” parece já estar presente antes de sua fundação em 1934, como demonstra esta matéria da Revista do Globo:

*[...] Antigamente, os estudantes resolviam o problema por meio das famosas e inesquecíveis “repúblicas”, nas quais viviam em comum inúmeros rapazes dotados de muitos ou poucos recursos. Vivendo e estudando em “repúblicas”, formaram-se*

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Carmem Regina de; LICHT, Flávia Boni. UFRGS 70 ANOS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

*muitas gerações de estudantes que, mais tarde, se tornariam políticos, médicos, engenheiros, banqueiros e escritores de destaque em todo o País. (PALHA, 1944:25)*

Segundo Palha (1944), com o tempo as “repúblicas” foram desaparecendo. Como diagnóstico para o fenômeno, o autor atribui a oferta de pensões familiares em diversas partes da cidade a preços módicos. Além disso, destaca que “as repúblicas adquiriram uma fama afugentadora” e os estudantes pobres, que necessitavam trabalhar para levar seus estudos, não encontravam nas repúblicas o devido descanso<sup>7</sup>. É neste contexto que o autor situa as movimentações em favor de uma Casa do Estudante.

### **Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA)**

Em 1931, junto às discussões sobre a formação de uma Universidade em Porto Alegre, nasce e toma corpo entre os estudantes da Faculdade Livre de Direito<sup>8</sup> a causa da moradia estudantil, sendo que em 1933 o Centro Acadêmico deste curso assume a mobilização para construir o que então pretendiam chamar “Casa do Estudante Pobre”<sup>9</sup>. Apesar de não alcançarem o objetivo da construção da sede própria, uma comissão formada pelo Centro de Estudantes consegue, junto à Prefeitura de Porto Alegre, por intermédio do então prefeito Alberto Bins, a cedência de um imóvel situado na Rua Demétrio Ribeiro 1145, que após uma completa reforma, passa a sediar o Casa do Estudante, em 1º de agosto de 1934. O prédio possuía dois pavimentos e tinha capacidade para abrigar cerca de 40 estudantes.

A estrutura mantinha-se com o auxílio de pequenas subvenções públicas e de auxílios que partiam de iniciativas individuais, como as do Prof. Simch, da Faculdade de Direito, que colaborava com o custeio, destinando parte dos seus vencimentos para este fim<sup>10</sup>. A casa sobrevivia. Contudo, em 1938, sofreu seu primeiro grande revés: a Prefeitura Municipal de Porto Alegre preparou um plano de remodelação da cidade, em que uma das

<sup>7</sup> I PALHA, Juliano. A Casa do Estudante. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944, p.25

<sup>8</sup> A Faculdade Livre de Direito foi fundada em Porto Alegre em 17 de fevereiro de 1900. No ano de 1934, o então interventor do estado General Flores da Cunha, criou por meio do Decreto 5.758 a Universidade de Porto Alegre (UPA), “formada pela integração da Universidade Técnica, com suas Escolas de Engenharia, Agronomia e Veterinária, da Faculdade de Medicina, com suas Escolas de Odontologia e Farmácia, da Faculdade Livre de Direito, com sua Escola de Comércio e o Instituto de Belas Artes [...]” (OLIVEIRA, LICHT, 2004, p.47). No ano de 1950 ao ser integrada ao Sistema Federal de Ensino Superior passa a chamar-se Universidade do Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

<sup>10</sup> PALHA, Juliano. A Casa do Estudante. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944, p.25.

ações previstas era a abertura de uma praça<sup>11</sup>, em frente ao Cinema Capitólio, justamente onde ficava o prédio da Casa do Estudante, a ser demolido.

Após negociações com o então prefeito José Loureiro da Silva, os estudantes foram realocados para o Parque da Redenção, no pavilhão construído para expor os produtos típicos do estado do Paraná, utilizado na Exposição de 1935, por ocasião das comemorações do Centenário Farroupilha. O jornal *Correio do Povo* trouxe, na época, uma reportagem intitulada “A Casa das Vigas Gementes”, onde descreve a precaríssima condição na qual os estudantes se encontravam: “o pavilhão mede 240m<sup>2</sup>. Seu forro é de aniagem, as paredes são de *stuck* e estão todas esburacadas; as divisões internas, algumas de taboa, outras de papelão, são feitas em forma de baias”<sup>12</sup>. Além disso, a iluminação era mal distribuída e não havia água encanada.

No ano de 1942, a Federação Universitária de Porto Alegre, através de mobilizações, aluga um prédio na Rua Duque de Caxias nº 1707, para onde a Casa se transfere. Permanece sediada por dois anos neste endereço, quando em 1944 é novamente deslocada, agora de forma definitiva, para o Edifício Almeida, na Rua Riachuelo nº 1355. O prédio, que consta ter sido um antigo hotel, foi doado pelo casal Israel Almeida e Maria Antônia Cora ao estado gaúcho, para que ali fosse sediada aquela que então passou a chamar-se “Casa do Estudante do Rio Grande do Sul”. A doação foi em homenagem ao filho do casal, Aparício Cora de Almeida<sup>13</sup>, militante da causa estudantil e misteriosamente morto em outubro de 1935.

A Casa mantinha uma grande estrutura de assistência estudantil, com ambulatório (em cujo atendimento era feito por estudantes de medicina em final de curso), um consultório odontológico, lavanderia, cozinha com funcionários contratados, biblioteca, um salão de festas, além de dormitórios. Todos os serviços eram mantidos pelos moradores, através das mensalidades que pagavam, por aportes eventuais da Universidade, pelos cooperativados,

---

<sup>11</sup> Hoje Praça Daltro Filho.

<sup>12</sup> A Casa das Vigas Gementes. *Correio do Povo*, 25 set. 1938, p.19.

<sup>13</sup> Aparício Cora de Almeida nasceu em Quaraí no ano de 1906, filho de Israel Almeida e Antoninha Cora de Almeida. cursou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre em 1931, período em que presidiu o Centro dos Estudantes de Direito, dentro do qual constituiu-se o movimento que daria origem a CEUACA. Também foi presidente da Federação Acadêmica, quando esta entidade atuou fortemente na preparação do movimento revolucionário de 1930, que levaria Getúlio Vargas ao poder. Formado, trabalhou como advogado criminalista em Porto Alegre, assim como em cidades do interior do Estado. Foi membro do Partido Comunista Brasileiro e secretário-geral da ANL no Rio Grande do Sul. Há ainda registros de ativa participação junto às reuniões do Instituto da Ordem dos Advogados e no Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional.

peças que usufruíam de todos os benefícios da Casa, com exceção da moradia<sup>14</sup> e pelas festas, almoços e jantares com a finalidade de arrecadar recursos.

A CEUACA teve significativo papel nas atividades do movimento estudantil, servindo como ponto de encontro e confraternização entre estudantes de dentro e de fora da Casa e intelectuais da época. A década de 1980 ficou marcada pelo fato de mulheres serem aceitas como moradoras, uma vez que desde sua criação em 1934, recebia apenas estudantes do sexo masculino. Foi uma das últimas casas para estudantes universitários do estado a implantar o sistema de moradia mista<sup>15</sup>.

O prédio sede, naturalmente, deteriorou-se ao longo dos anos, não havendo recursos para qualquer tipo de reforma. A situação chegou ao extremo nos anos 2000, quando a casa foi sucessivamente interditada e sofreu inúmeros processos judiciais no sentido de evacuá-la. Houve movimentos de resistência dos moradores e mobilizações junto ao poder público. Em 2014, quando a instituição completou seus 80 anos, mediante negociação com o Governo do Estado e o Ministério Público, chegou-se a um acordo sobre a reforma, e os estudantes foram realocados para diversos imóveis na região central de Porto Alegre, mediante pagamento de aluguel social por parte do Governo do Estado.

### **Associação Casa de Estudantes Juventude Universitária Católica Casa 7 (JUC-7)**

Outra Casa que se mantém de forma autônoma é a Associação Casa de Estudantes Juventude Universitária Católica Casa 7 (JUC-7). Sua fundação data de 1949, no contexto das mobilizações da Juventude Universitária Católica por moradia estudantil, sendo que em Porto Alegre essas ações deram-se a partir da AJUC (Associação da Juventude Católica)<sup>16</sup>. Foram criadas em todo país, com a participação direta da Igreja, 23 Casas para servirem de moradia a estudantes universitários. Este movimento é interrompido em 1964, com a mudança do contexto político brasileiro, em decorrência do golpe civil-militar, de modo que a última Casa a manter o modelo inicial de organização, foi fechada em 1975. A JUC-7, contudo, sobreviveu.

Em 1974 seus moradores foram despejados do chamado “Castelinho”, situado na rua Mostardeiro, onde moravam 53 estudantes. Diante desta situação crítica, a direção da Casa vendeu o telefone e com esse dinheiro pagou a caução para o aluguel da sede na Rua da

<sup>14</sup> SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Em: <http://www.juc7.com.br/v2/>. Acesso em 21/07/2016.

República, da qual, após algum tempo, também são expulsos, mudando-se para o bairro Partenon, na Vila Intercap, onde se abrigam em uma construção de madeira por alguns anos, quando intensificaram-se as mobilizações por um espaço próprio<sup>17</sup>.

Em 1987, a prefeitura, por lei municipal, faz a doação do terreno onde hoje está situado a Sede da JUC-7. Por volta deste período, os juquianos também receberam do Estado o valor de Cz\$ 1 milhão. Em posse do dinheiro e do terreno, os estudantes são retirados pela prefeitura do imóvel na Intercap, indo morar na sede própria, na Rua Rivadávia Correia, nº 08, ainda inacabada, com janelas faltando, sem boa parte do teto e com todo o acabamento por fazer<sup>18</sup>. A JUC-7 ainda hoje encontra-se em funcionamento, servindo de moradia a estudantes universitários e pré-universitários (que estejam realizando curso pré-vestibular) de baixa renda, oriundos do interior do Rio Grande do Sul e de outros Estados do país.

### **Casa Estudantil Universitária de Porto Alegre (CEUPA)**

A terceira e última moradia autônoma que apresento é a Casa Estudantil Universitária de Porto Alegre (CEUPA). Nasce da iniciativa de um grupo da Associação dos Ex-Alunos do Colégio Sinodal (AEACS), de São Leopoldo, que em 1950 resolve alugar um prédio em Porto Alegre, na Rua General Vitorino, e fundar a Casa do Ex-Aluno do Colégio Sinodal, tendo por objetivo abrigar os estudantes oriundos deste estabelecimento de ensino<sup>19</sup>. Inicialmente contava com apenas 20 vagas. Em 1954 é adquirido um prédio, onde hoje fica uma das atuais sedes, na rua Sarmento Leite nº 1053, por meio de uma campanha de arrecadação de fundos, numa ação entre amigos que contou com o sorteio de um automóvel.

Com o tempo a entidade sofre algumas transformações, passando a chamar-se Casa do Estudante Evangélico do Rio Grande do Sul (CEERGS), abrigando a partir de então não somente os ex-alunos do Colégio Sinodal, mas estudantes de todos os estabelecimentos evangélicos do Estado. Em 1960, novas alterações, denominando-se a partir de então Centro Evangélico Universitário do Rio Grande do Sul (CEURGS). Com o aumento da demanda por moradia estudantil, foi locado um prédio na Rua Sarmento Leite, nº 631, que funcionou como uma extensão da Casa original, ampliando a capacidade da instituição em 21 vagas. Em

---

<sup>17</sup>Idem.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup>Em: <http://www.ceupa.com.br/>. Acesso em 21/07/2016.

decorrência de uma ação de despejo movida contra os moradores da Casa II (Rua Sarmento Leite 631) e necessidade para uma residência para as estudantes do sexo feminino, em 1968 são adquiridos dois novas prédios, com recursos aportados pelo Sínodo que passaram a abrigar a Casa II, na Rua José do Patrocínio nº 648 e a Casa III, na Rua Luiz Afonso nº 347<sup>20</sup>.

Atualmente a CEUPA mantém a estrutura de três casas localizadas em Porto Alegre, com capacidade para abrigar 65 moradores efetivos, possuindo ainda, espaço para alojar temporariamente cerca de 20 moradores que estejam na cidade para participação de congressos ou seminários. Os moradores do CEUPA são estudantes oriundos das mais diversas Instituições de Ensino Superior da Região Metropolitana de Porto Alegre e cursinhos pré-universitários.

### **Possibilidades da temática *moradia estudantil universitária* para a História da Educação**

A origem das moradias estudantis é tão remota quanto a das primeiras universidades. O deslocamento em direção aos centros urbanos em busca de instrução universitária implica necessariamente em providência de moradia. As múltiplas formas pelas quais estes espaços de habitação coletiva se organizaram e foram concebidos tornam difíceis uma leitura mais clara e precisa sobre este fenômeno. Organizações informais, registros e arquivos que se perderam para sempre, eis alguns dos motivos que tornam extremamente difícil um levantamento mais preciso.

Prata (2002) localiza uma primeira ocorrência do termo “república” para estes ajuntamentos, em Coimbra, no ano de 1836, e busca uma possível origem desta designação na semelhança da forma de governo e organização interna destas casas com a dos estados republicanos<sup>21</sup>. Há ainda, no mesmo período, a ocorrência do termo “Real República” para designar estas habitações, o que pode, segundo Andrade (2014), ser uma referência aos dois regimes políticos - monarquia e república, representando as várias correntes ideológicas de então, sendo, segundo interpretação da autora, um símbolo de liberdade e igualdade vivida entre os membros das casas.

As origens das Casas brasileiras remontam à fundação da Faculdade de Medicina da

---

<sup>20</sup>Em: <http://www.ceupa.com.br/>. Acesso em 21/07/2016

<sup>21</sup> CASTRO, Amílcar Ferreira de. A gíria dos estudantes de Coimbra. Coimbra: Faculdade de Letras, 1947. In: PRATA, Manuel Alberto Carvalho. Academia de Coimbra (1880-1926): contributo para a sua História. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2002.

Bahia, em 1808, no período da regência de Dom João VI. A partir daí foram criadas as Faculdades de Direito de São Paulo e Recife, e em 1876, a Escola de Minas, em Ouro Preto, durante o reinado de Dom Pedro II<sup>22</sup>. A necessidade de que alunos e professores fixassem moradia na cidade, fez com que nela florescessem inúmeras repúblicas, que acabaram tornando-se o centro da vida estudantil e símbolo da região.

O modelo de organização destas Casas, segundo Machado (2012), teve influências portuguesas, mais exatamente de Coimbra, berço das academias de Portugal e do Brasil<sup>23</sup>, onde já no início do século XIV observa-se, segundo Prata (2002), o problema da moradia para os jovens que vinham até a cidade para a realização dos estudos universitários, com a escassez de casas e falta de condições das mesmas. Para tentar resolver o problema, que persiste até hoje, o governo português construiu casas no zoneamento urbano da Almedina, em Coimbra, afim de ser habitada por estes estudantes, que eram selecionados por uma comissão nomeada pelo rei, e mediante o pagamento pormenorizado de uma taxa.

No Brasil, é a partir da década de 1930, com a chamada Era Vargas, que a moradia estudantil passa a ser concebida como uma política de assistência a estudantes de baixa renda, na esteira da criação e pulverização das Universidades Federais. As origens e formas de organização das Casas de Estudante, contudo, são bastante diversas. Além daquelas criadas pelas instituições universitárias, existem as nascidas por iniciativa dos próprios estudantes ou de outras organizações sociais, que se caracterizam pela autonomia e autogestão.

Embora muito associadas à uma ideia de assistência estudantil, as Casas nem sempre são concebidas desta forma. No contexto internacional, tem-se o exemplo da *Residencia de Estudiantes*, em Madri, fundada em 1910 e que foi o primeiro centro cultural da Espanha, constituindo-se em um espaço de trocas e criação artística e científica. Um espaço confortável, aberto à criação, ao pensamento e ao diálogo interdisciplinar, para onde os estudantes aportavam por escolha própria, sem que estivesse posta a questão socioeconômica. Propunha-se um espaço complementar ao ensino universitário, para estudos e criação.

A *Residencia* também acolhia as vanguardas internacionais do pensamento, tornando-se um foco de disseminação da modernidade na Espanha, tendo despontado, entre os seus

<sup>22</sup> MACHADO, Juciára Teixeira. Em busca de um mesmo “CEU”: Estudo Antropológico sobre (Ex)Moradores da Casa do estudante da Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012

<sup>23</sup> MACHADO, Juciára Teixeira. Em busca de um mesmo “CEU”: Estudo Antropológico sobre (Ex)Moradores da Casa do estudante da Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

moradores, muitas das principais figuras da cultura espanhola do século XX, como o poeta Federico Garcia Lorca e o pintor Salvador Dalí, por exemplo.<sup>24</sup> Foi ainda um fórum de discussão e divulgação da vida intelectual da Europa entre guerras, com teses apresentadas diretamente pelos seus protagonistas. Entre aqueles que circularam por este espaço estão nomes como Albert Einstein, John M. Keynes, Henri Bergson, entre muitos outros.<sup>25</sup>

No Brasil, Machado (2007) destaca a experiência da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, instituição que possui em relação a moradia estudantil uma concepção que ultrapassa a da assistência. Esta vai na direção de um debate educacional, no sentido de conceber as Casas não apenas como lugares destinados aos moradores de baixa renda, mas da criação de um espaço de discussão sobre questões acadêmicas, interdisciplinares, de estudos e produção intelectual.<sup>26</sup>

Pensando as Casas como potenciais temas de pesquisa, começo referindo as inúmeras fontes por elas produzidas. Em diferentes graus de conservação e organização, estas organizações estudantis geraram inúmeros documentos, como atas das Assembleias Gerais, atas de Conselhos Deliberativos, documentação contábil, fichas de moradores, estatutos e regimentos internos, correspondências com outras instituições e com o poder público, autobiografias escritas pelos candidatos no momento da inscrição para o processo seletivo de novos moradores, fotografias, livros e revistas, recortes de jornal. Estes materiais são um riquíssimo subsídio para historiadores e pesquisadores em geral.

A título de exemplo, cito o caso do arquivo da CEUACA. Em agosto de 2014, logo após o remanejamento dos moradores do prédio que sediava a Casa, devido às precárias condições em que este se encontrava, a Diretoria da instituição foi notificada pela Procuradoria Geral do Estado do Rio Grande do Sul, de que o prédio seria lacrado, tendo-lhes sido concedido um prazo menor de 24 horas para que os moradores retirassem tudo o que nela ainda se encontrasse. O que tivesse ficado para trás no processo de mudança seria levado para galpões do estado ou descartado, inclusive o arquivo.

Ao tomar conhecimento desta situação emergencial, passei a fazer contato com inúmeras instituições de guarda de documentos e universidades de Porto Alegre e região

---

<sup>24</sup> Histórico da Residência de Estudantes. Site: <http://www.residencia.csic.es/pres/historia.htm>. Acesso em 27/08/2016.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> UNICAMP, Deliberação Consu-A, de 04/12/2001. In: M. Zaidan Filho & O. L. Machado (Orgs.), Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior (pp. 191-208). Recife: Editora Universitária.

metropolitana. Na ocasião, o Arquivo Histórico do Memorial do Rio Grande do Sul acolheu a documentação. Um dia antes da casa ser definitivamente lacrada, contratei um caminhão de frete e, com a ajuda de dois dos moradores, tiramos o material do prédio da CEUACA e o levamos até o seu novo abrigo. Atualmente o acervo encontra-se em processo de higienização e catalogação, devendo em breve estar disponível para pesquisas.

Pensando de forma mais específica o potencial da temática *moradias estudantis* e as fontes por elas produzidas para o campo da História da Educação, acredito ser possível ao pesquisador contribuir na ressignificação do espaço *Casa de Estudante*, para além das abordagens mais tradicionais. Pode-se concebê-lo como lugar de sociabilidades universitárias, de trocas culturais, de aprendizagens, de luta política e organização dos estudantes.

Ainda, e dentro da concepção de que um dos papéis da história é o de escriturar o passado (CERTEAU, 2011), acredito ser relevante a publicação<sup>27</sup> das histórias e das memórias destas moradias, tácitas e marginais. A força e o sentido que emergem de seu caráter de autonomia financeira e administrativa, também são a sua fraqueza e fragilidade, visto que a ausência de uma instituição mantenedora as coloca em uma situação limite permanente. Faz-se urgente tornar públicas estas histórias, para a autoafirmação das Casas e para que a comunidade estudantil e de pesquisadores tome consciência deste verdadeiro patrimônio da cidade de Porto Alegre.

### **Considerações Finais**

Se por um lado a escassez de trabalhos acadêmicos sobre moradia estudantil universitária dificulta a realização de pesquisas que tenham estes espaços como objetos, por outro, reforça a sua importância. Deste modo, e a partir das considerações aqui apresentadas, defendo a necessidade de maiores estudos no campo da História da Educação sobre o tema. Com fontes orais, escritas ou imagéticas, produzidas no âmbito destas sociabilidades, é possível refletir como a experiência universitária foi vivida e significada na formação pessoal

---

<sup>27</sup> A exceção é um trabalho editado em 2004 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (*SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004*) por ocasião dos seus 70 anos, não foi localizada nenhuma publicação acerca desta temática. As Casas aqui apresentadas possuem como única fonte historiográfica de seu passado, os breves históricos apresentados em seus sites eletrônicos.

dos grupos em questão, suas respectivas histórias institucionais, suas relações dialógicas dentro de um sistema educativo mais amplo.

A leitura dos levantamentos realizados nas fontes relacionadas, pode situar em uma configuração inteligível, a formação social, as práticas, os saberes, as estratégias e discursos de resistência que possibilitaram a manutenção destes modelos de organização democrática, durante recortes históricos determinados. Contribui-se desta forma para multiplicar as imagens sobre o ser estudante universitário em lugares e temporalidades específicas.

É preciso buscar pela explosão de vida, o contraditório de registros e relatos aparentemente insignificantes, corriqueiros, singulares, buscando tirar deles o máximo de sentido<sup>28</sup>. O tamanho de um acontecimento está menos na sua grandeza e notoriedade factual do que em detalhes que possibilitem novas leituras do mundo, das relações sociais, dos valores de um determinado período da história. Estas leituras poderão contribuir, entre outras coisas, para a ressignificação do espaço Casa de Estudante, para além das abordagens mais tradicionais, inscrevendo-o no universo das sociabilidades universitárias e na História da Educação, como lugar de trocas culturais, de aprendizagens, de luta política e organização estudantil.

## Referências

### Obra completa:

BOSI, Ecléa. O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

---

<sup>28</sup> FARGE, Arlette. O Sabor do Arquivo. Traduzido por Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009.

BURKE, Peter. O que é História Cultural? Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS Ronaldo. Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARREIRO, Teresa; MADEIRA, Margarida. Um Por Cem - um Olhar Sobre As Repúblicas de Coimbra. Lisboa: Editora Afrontamento, 2009.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2013.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

FARGE, Arlette. O Sabor do Arquivo. Traduzido por Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2003.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Território Plural: a pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010.

MACHADO, Otávio Luiz. Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas. Frutal: Prospectiva, 2014.

OLIVEIRA, Carmem Regina de; LICHT, Flávia Boni. UFRGS 70 ANOS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2.ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PRATA, Manuel Alberto Carvalho. Academia de Coimbra (1880-1926): contributo para a sua História. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2002.

RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena. História, Memória e História da Educação. In. Histórias e Memórias da Educação no Brasil. BASTOS, Maria Helena e STEPHANOU,

Maria. Petrópolis: Vozes, 2005, vol. III.

### **Capítulo de livro:**

CHARTIER, Roger. A história: a leitura do tempo. *Fronteiras do Pensamento*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. p.163-178.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Nas margens do instituído: memória/educação. In. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (5): 23-38, abril de 1999.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

MACHADO, Otávio Luiz. Casas de estudantes e educação superior no Brasil. Em M. Zaidan Filho & O. L. Machado (Orgs.), *Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior* (p. 191-208). Recife: Editora Universitária.

MENEZES, Ulpiano. A História cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista Inst. Est. Bras.*, SP, 1992.

NÓVOA, António. Por que História da Educação? Apresentação da Coleção Histórias e Memórias da Educação no Brasil. BASTOS, Maria Helena e STEPHANOU, Maria. Petrópolis: Vozes, 2005.

NOVOA, António. Carta a um jovem historiador da educação. *Historia y Memoria de la Educación*, 1 (2015):23—58. Sociedad Española de Historia de la Educación. [revistas.uned.es/index.php/HMe/article/download/14111/12822](http://revistas.uned.es/index.php/HMe/article/download/14111/12822).

PEREIRA, Marcos Villela. A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2013, vol.18, n.52, pp.213-244.

PESAVENTO, Sandra Janahy. Fronteiras da história: uma leitura sensível do tempo. *Fronteiras do Pensamento*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. P.179-190.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol5, n.10, 1992, p.200-212.

THONSON, Alistair. Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. *Revista História Oral*, n.4, jun.2001

### **Teses e dissertações:**

ANDRADE, Inês Bernardo Lopes de. Repúblicas Universitárias: Uma Estratégia para a Regeneração Urbana de Coimbra. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Universidade de Coimbra: Coimbra, 2014.

GARRIDO, Edleusa Nery; MERCURI, Elizabeth Nogueira Gomes da Silva. A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 17, Número 1, Janeiro/Junho de 2013: 87-95.

MACHADO, Juciára Teixeira. Em busca de um mesmo “CEU”: Estudo Antropológico sobre (Ex)Moradores da Casa do estudante da Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

**Texto disponível na web:**

<http://www.ceupa.com.br/historia.php>. Acesso em 25/05/2016.

<http://www.residencia.csic.es/pres/historia.htm>. Acesso em 27/08/2016.